

Paisagem, Guignard

J.B. 27/12/81

O MAM PODE MORRER NA PRAIA COMO O TIME DO AMÉRICA

Wilson Coutinho

O artista e professor Quirino Camposforito foi um nome bem escolhido para organizar a mostra Pinotres Fluminense, agora no apagar das luzes de 81, no MAM. Bem escolhido não porque more em Niterói. O artista participou das transformações, na década de 30, na Escola de Belas Artes. Lutou pela sua modernização, possui uma compreensão dessa luta e conviveu com alguns artistas expostos.

Mesmo o esforço de coletar as obras deve ser valorizado. Alguns trabalhos são bem conhecidos. Costumam surgir em várias exposições. Há também a presença do nosso tardio impressionismo, obras de Navarro da Costa ou de Visconti que podem interessar. Guignard também. Ou os três trabalhos de Ivan Serpa. Há coisas para ver. Outras para relembrar.

O curador da exposição, de fato, pouco tem a ver com o fato de ser chamado para organizar a exposição no MAM. Como dizem os franceses em tradução literal, "fez o seu melhor." O que tem de ser lembrado é a frágil organização do museu na sua programação. Digamos que, neste ano, para sermos justos, teve bons piques. A exposição da coleção Gilberto Chateaubriand, a de Karel Appel e a de Sérgio Camargo. Mas, sem agilidade, não teve fôlego para nos trazer a retrospectiva de Milton Da Costa. Menos fôlego ainda: da Bienal só conseguirá arrastar para o museu os trabalhos do belga Paul Delvaux, que estarão presentes no museu em janeiro. Philip Guston não veio. Nem os artistas da arte incomum.

Com fôlego de cardíaco, o MAM nadou, como se diz em futebol, como o time do América: quase morrendo na praia. Os três esboços de reação (as exposições de Camargo, Appel e a de Gilberto Chateaubriand) deram-lhe um coração possível. Depois, bombearam-lhe um coração à custa de um marca-passos. São exposições carregadas, como gatinhos órfãos, pelo boca das embaixadas ou patrocínios estatais. Como o Salão Nacional, que pretendendo desprovinciar a província, tornou o

Rio uma vasta província. E dentro do MAM, o museu que anda de coração fraco.

Trata-se menos de analisar a exposição organizada por Camposforito. Ela teria, inevitavelmente, alguns problemas conceituais. Um, necessidade de arrolar artistas nascidos no Estado do Rio. Alguns, é verdade, nasceram na Itália, mas pintaram seus arrabaldes ou viveram por aqui. Mas o dado biográfico não explicita contextos formais. Camposforito procurou articular uma possível história da arte que abrigasse artistas da Colônia até Ivan Serpa, morto em 1973. Foi generoso e didático ao fazer, embora seja penoso, com que o academismo tardio de Oswaldo Teixeira estivesse presente. Afinal, Oswaldo Teixeira existiu e existindo é bom saber por que foi tão criticado. Mas essa história é capenga. Abriga irrupções e linearidade que podem produzir ambigüidades na compreensão do espectador. É uma história da arte vista pelo ângulo da pia batismal fluminense. Junto da natação esforçada do América. Mau jogo.

Outras exposições ocorrendo lá vieram no balaio gentil das embaixadas ou do comércio de arte. As fotografias gregas são um acessório turístico. A do italiano Luigi, uma Veneza revirada. Falta ao museu uma programação moderna e de arte moderna para não ficar acuado diante do gentil leque de exposições proposto pelos outros. O museu pode, se organizado, escolher as cartas e propor exposições. E não ser somente um receptáculo de gatos desolados. No próximo ano, há datas fatídicas para o MAM: os 20 anos da morte de Guignard, os 100 do nascimento de Braque, os 60 anos da Semana de Arte Moderna. Este ano, por exemplo, o museu não conseguiu a tempo organizar uma mostra sobre Goeldi. Foram estudantes de um curso de pós-graduação em arte, na PUC, que a fizeram e com o "profissionalismo" de um ano de estudos. O resultado foi um catálogo em que pela primeira vez cartas de Kubin para o gravador brasileiro foram traduzidas.

O artista Cildo Meireles tem uma agradável história sobre um craque brasileiro, reserva de Pelé, na época do Santos. Não tinha vaga no time e rumou para o Equador. Percebeu que lá os jogos noturnos eram mal iluminados. Então descobriu a pólvora da glória. Passava do seu meio campo e enfiava um chute para o gol. Como o público não via direito para onde ia a bola e pressentia, ao menos, que ia para o gol, levantava-se e aplaudia.

As vezes, passava a cem metros da baliza. Mas o craque antmava a torcida e virou ídolo. Casou com a filha do Presidente do país no abandono das chuteiras. O MAM deu alguns chutes para o alto. Mas pouco antmou a torcida. Como um América foi morrendo na praia. Resta saber o que fará em 82. Tem torcida, é verdade. Mas, diferente do craque do Equador, tem de chutar certo e de perto. O campo é bem iluminado.